

HOMENAGEM

PAUL ISRAEL SINGER (1932-2018) – *IN MEMORIAM*

Fiquei muito triste com o falecimento do professor Paul Singer, ou Paulo, como ele preferia ser brasileiroamente chamado, ocorrido no último dia 16 de abril. O Brasil perdeu um dos seus grandes intelectuais, uma figura importantíssima, ótimo economista, excelente pessoa, grande professor, um intelectual que marcou profundamente as ciências sociais brasileiras.

Como diz a música do Cazuza, ele morreu quando seus (nossos) inimigos estão no poder, mas não foi uma *overdose*, foi uma doença depois de uma vida longa e extraordinariamente produtiva em diversas esferas: intelectual, política, administrativa. Lembrem que, com mais de 80 anos, quando a enorme maioria dos que conseguem chegar nessa idade faz tempo que pendurou as chuteiras, ele continuava ocupando cargos importantes na alta administração do país. Com efeito, ele foi Secretário Nacional de Economia Solidária desde 2003 até 2016, começando no governo Lula, e só saiu logo depois do golpe que derrubou a presidenta Dilma.

Nascido numa família judia de Viena que sabiamente conseguiu fugir a tempo do nazismo, ele migrou para o Brasil com a mãe, um tio, a avó (mãe de ambos) e uma tia-avó quando ainda era uma criança.

**RAMÓN GARCÍA
FERNÁNDEZ**

Professor da UFABC,
ex-vice-presidente e ex-diretor
da SEP

Na adolescência, já em São Paulo, ele cursou uma escola técnica, e antes de entrar na universidade ficou vários anos trabalhando como operário metalúrgico, obviamente sindicalizado. Anos mais tarde começou seu vínculo com a USP: formou-se primeiro como economista na FEA, e depois obteve o título de doutor em Sociologia na FFLCH, sob a orientação de Florestan Fernandes. Nesses anos ele também começou a lecionar na USP, vínculo que se interrompeu quando ele foi cassado pelo AI-5 em 1969.

A primeira vez que o nome de Paul Singer apareceu na minha frente foi quando eu ainda estava na Argentina. A editora *Siglo XXI* acabava de lançar, em espanhol, seu “Curso de Introdução à Economia Política”. Na época eu nem fazia economia; eu estudava biologia e trabalhava na livraria de minha família e, como, livreiro sabia que todos os livros da *Siglo XXI* eram bons e de esquerda. Gravei o nome, como era (continuando) minha mania, pensando que seria algum autor inglês ou estadunidense que valeria a pena seguir.

Já morando no Brasil no fim dos anos 1970, comecei a ler as revistas de esquerda da época e a xeretar em livrarias, e qual não seria minha surpresa ao descobrir que o tal Singer era brasileiro! Ainda assim, acho que passei meus quatro anos de FEA/USP sem ter ouvido falar

dele na escola, embora já fosse uma referência em artigos de jornal, livros, etc., nos quais se destacava como um dos grandes economistas alternativos. A essa altura do campeonato, eu infelizmente ignorava toda a prestigiosa contribuição anterior dele nas áreas de economia urbana e de desenvolvimento, campos nos quais ele pesquisou no doutorado e também mais tarde, estando vinculado institucionalmente ao CEBRAP depois de ter sido cassado na USP.

Quando entrei na pós-graduação no IPE/USP, descobri, para minha alegria, que o professor Singer lecionava na instituição (ele tinha sido reintegrado, como todos os cassados, poucos anos antes). Decidi então que não podia perder a oportunidade de fazer algum curso com ele, e foi assim que me inscrevi na disciplina de “Tópicos de Distribuição de Renda”. O curso foi muito legal, e o professor Singer mostrou ser pessoalmente tão brilhante como em seus escritos. Para mim, também foi uma lição a respeito do que é possível fazer ao conceber uma matéria como professor na pós-graduação, pois ele deixou claro, na primeira aula, que era um curso no qual ele também estava estudando, e por isso incluiu na bibliografia autores clássicos e contemporâneos que ele conhecia perfeitamente junto com outros que ele dominava menos, para revê-los ou até para estudá-los a fundo pela primeira vez. Convenci-me, na prática, de que cursos desse tipo são completamente

válidos. Talvez o único problema dessa matéria foi que o mestre, bem no estilo dos anos 1980, organizou as aulas como seminários nos quais os alunos expunham e ele complementava com suas observações. Nesse sentido, para os que éramos fãs de carteirinha dele, o curso foi menos interessante do que esperávamos: sem menosprezar ninguém, nós queríamos ouvi-lo, não ouvir nossos colegas e nós mesmos! Na divisão de assuntos, eu fiquei com o último seminário, e tive que preparar, com muito cuidado, boa parte do livro, então bastante recente, de James O'Connor sobre os EUA (na edição da Paz e Terra: *USA - Crise do Estado Capitalista*); essa foi uma das melhores leituras que fiz na pós-graduação, e nunca teria descoberto a obra, não fosse o Paulo.

Nessa mesma época houve um caso que hoje não é muito lembrado, e que mostra claramente a competência intelectual do Singer. No ano de 1984, o Departamento de Economia da FEA contava só com cinco professores titulares, e não eram abertos concursos para esse cargo fazia anos. Uma longa fila de candidatos estava esperando para prestar esses concursos. Quando o governador Montoro assumiu, em 1983, foi atendido este pedido da comunidade universitária. No departamento, foram abertos concursos para várias vagas de titular: quatro para Microeconomia, três para Econometria e quatro para Macroeconomia. A voz dos corredores dizia que era exatamente esse o número

de professores que estavam em condições de virarem titulares. Só que, segundo essa mesma lenda, ninguém conversou com o Paulo, um *outsider* no departamento na época. Então, ele resolveu se inscrever em Macro, e esse passou a ser o único concurso com mais candidatos do que vagas. Assim, poucas pessoas assistiram às provas dos concursos de Econometria e Micro, apesar da competência dos candidatos, pois com uma relação candidato/vaga igual a um, o resultado era mais do que previsível. O concurso de Macro, ao contrário, com um candidato a mais do que o número de vagas, tinha salas lotadas, pois todos queriam saber quais seriam os aprovados. Sem dar os nomes, posso garantir que os outros quatro professores eram membros respeitados e competentes do departamento. Ao longo do concurso, Paulo, o *outsider*, brilhou nas provas e foi um dos aprovados. Mais ainda: se minha memória não falha, houve dois professores que tiraram dez em (quase) tudo, e o Paulo foi um deles, com uma banca cuja maioria não seria, em princípio, tão simpática a suas perspectivas em Economia.

Poucos anos depois, eu passei por minha primeira experiência como docente: fui contratado para dar um curso semestral de Introdução à Economia, matéria obrigatória do quarto semestre, para os alunos do curso de Publicidade e Propaganda de uma universidade particular paulistana. Atribuída a tarefa, passei a me perguntar o que se poderia ensinar de economia

que fosse interessante, num único semestre, para um grupo de não especialistas. Sem modestia, acho que fiz uma ótima escolha: usei, de ponta a ponta da disciplina, o *Curso de Introdução à Economia Política*, do Paulo, aquele mesmo livro graças ao qual tinha conhecido seu nome uma década atrás. Eu mesmo me diverti muito com a disciplina, aprendi muitas coisas, e os alunos, embora a maioria estivesse com a cabeça em outros assuntos (acho que 95% da turma sonhava com ser diretor de arte numa agência de publicidade), também aprenderam bastante; certamente o curso foi muito mais proveitoso do que se eu tivesse escolhido a saída mais fácil (nessa época como agora), de adotar um manual ortodoxo qualquer e me basear nele pulando as partes formalizadas.

Em todos esses anos, o Singer era uma referência fundamental como um dos principais, senão “o” principal, economistas de esquerda no debate público, papel que vinha ocupando crescente e paulatinamente a partir do lançamento de *A Crise do Milagre* em 1976. Envolvia-se em debates nos jornais, discutindo a evolução da economia brasileira a partir de uma perspectiva ancorada na economia política. Mais ainda, o tópico da distribuição de renda, sobre o qual ele tinha publicado importantes trabalhos, tornou-se uma das questões mais discutidas nesses anos, dada a situação na qual se encontrava o Brasil depois de combinar o milagre dos anos 1970 com a recessão dos anos

1980. Sem dúvida, o Singer ocupou uma posição destacada no campo progressista nesse debate. Um importante reconhecimento de seu papel como economista público de esquerda ocorreu quando o PT, do qual ele foi fundador, ganhou as eleições municipais de São Paulo, em 1988, com a candidatura da Luiza Erundina. A prefeita o convidou para ser seu secretário da Fazenda, e ele desempenhou-se nesse cargo com muita competência ao longo dos quatro anos do governo dela. Essa performance notável certamente surpreendeu a muitos, dado que ele era um acadêmico sem qualquer experiência anterior de gestão.

Um caso curioso vinculado indiretamente com ele ocorreu numa ocasião na qual me convidaram para participar na banca de uma monografia que seria avaliada por parecer. Recebi o exemplar, comecei a ler, e estava achando o texto excelente. Claro, dado que todo professor que se preze ao participar numa banca tem que dar seus pitacos, esforcei-me para fazer algumas críticas, sugerir mudanças, etc. A certa altura, o texto começou a resultar excessivamente familiar. Numa época sem internet, verificar plágio era muito complicado, mas eu fui atrás e vi que o aluno tinha transcrito páginas e páginas de *O Dia da Lagarta*, um livro do Singer que tinha saído poucos anos atrás. Fiquei chateadíssimo com o plágio, mas, por outro lado, me diverti pensando que se eu soubesse que o texto era do Singer, eu nunca teria proposto qualquer mudança!

Depois que saí da FEA, o vi poucas vezes, em geral em situações sociais, na casa do seu filho André, e da mulher dele, Sílvia, meus amigos de longa data. Acompanhei meio de longe sua transformação no grande nome da Economia Solidária, uma área na qual sempre tive interesse teórico, mas com a qual pouco me envolvi. Uma única vez o chamei para uma banca de uma orientanda minha, Denise Maia, também minha colega na UFPR, que tinha pesquisado nessa temática. Infelizmente, poucos dias antes da defesa, meu irmão Javier piorou do câncer que tinha, e acabou falecendo. Eu estava em Buenos Aires com minha família, pois tinha viajado para acompanhar os últimos dias dele, e não tinha condições de voltar a Curitiba na data da defesa, mas, ao mesmo tempo, não dava para desmarcar a banca; para que os procedimentos regimentais continuassem como previsto, eu fui substituído na defesa pelo coordenador do curso, meu colega Marcelo Curado. Por isso, posso dizer que paradoxalmente estive, mas não estive, numa banca com o professor Singer.

Um breve comentário teórico: sempre pensei que havia uma possibilidade enorme de diálogo entre os trabalhos dele sobre economia solidária com a obra de Richard Wolff e Steve Resnick, os mentores do grupo que edita a revista *Rethinking Marxism*. Até cheguei a comentar isso com o Paulo em algum desses encontros circunstanciais; ele achou interessante, mas não me consta que tenha conseguido fazer qualquer

avanço nessa direção. Uma conversa equivalente com o Wolff também não deu resultados pelo seu desconhecimento de português, e pela falta de traduções das obras do Singer ao inglês. Eis aí uma oportunidade ainda não aproveitada de avançar na área!

Para encerrar, mencionarei uma das lembranças dele que acho mais importantes. Paulo Singer era presidente de honra da SEP. Embora ele não tenha se envolvido muito com a associação, sempre foi nossa referência. Ele participou no primeiro congresso, no qual a SEP foi fundada, em Niterói em 1996. Lembro que naquela assembleia, na qual poucos passavam dos 50 anos, ele, com seus 64, era o sênior pela obra, e também pela idade. A proposta de nomeá-lo presidente de honra teve aceitação unânime, e foi acompanhada por uma salva de palmas. Hoje, quando a SEP está consolidada, e muitos dos presentes naquela assembleia estamos, anos mais ou anos menos, na idade que o Paulo tinha então, nosso presidente de honra nos deixou. Triste, claro, mas sabemos que ele deixa uma lembrança inesquecível e uma obra que será referência permanente do pensamento progressista no Brasil e no mundo.